

# PROJETO “SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA IMPACTADA PELO GASODUTO BOLÍVIA – MATO GROSSO: TRECHO BRASILEIRO”

GILSON RODOLFO MARTINS<sup>1</sup>  
EMÍLIA MARIKO KASHIMOTO<sup>2</sup>

Com vistas a atender a crescente demanda por energia elétrica no Estado de Mato Grosso, estão em execução, no momento, dois projetos de construção de unidades geradoras: a Usina Hidrelétrica do Manso e a Usina Termoelétrica de Cuiabá (*UTC*). A *UTC* encontra-se em fase conclusiva e já está operando, experimentalmente, com óleo combustível para a movimentação das turbinas; porém, o projeto de funcionamento da mesma prevê, como combustível definitivo, o gás natural proveniente da Bolívia.

Sendo assim, foi desenvolvido o projeto de um gasoduto interligando as jazidas produtoras de gás natural, na Bolívia, e a *UTC*, o qual encontra-se, atualmente, em construção, sob a responsabilidade da empresa Gasocidente do Mato Grosso Ltda (*Gasocidente*), com sede em Cuiabá, Mato Grosso.

No trecho brasileiro do gasoduto, o *transect* projetado terá 267 km de extensão, aproximadamente, iniciando-se na divisa com a Bolívia, nas proximidades da cidade boliviana de San Matias, percorrerá os municípios mato-grossenses de Cáceres, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Várzea Grande e Cuiabá. Em boa parte do percurso, o traçado será retilíneo e paralelo à rodovia BR 070, destacando-se, como exceção, o trecho das serras, no município de Cáceres, onde essa estrada apresenta uma inflexão para o sul.

Devido a problemas técnicos e legais, já solucionados, as obras de im-

plantação do empreendimento, que estavam previstas para ter início no mês de fevereiro do ano corrente, de fato, só começaram no final de julho. A tubulação, com um diâmetro de dezoito polegadas, que ficará subterrânea em todo o traçado, será depositada em uma vala com oitenta centímetros de largura e um metro e meio de profundidade. A faixa de trabalho terá uma largura de trinta metros, cuja vegetação será removida totalmente, seguida por um nivelamento da superfície por meio do patrolamento em toda a sua extensão. Na travessia dos quatro rios principais - Jauru, Padre Inácio, Paraguai e Cuiabá - não será aberta a vala; nesses locais, a transposição se dará mediante perfuração direcional, por baixo do leito, preservando assim os cursos d'água e suas margens, com cem metros de cada lado, consideradas áreas de preservação permanente.

Para efeito de obtenção da licença prévia, o empreendedor (*Gasocidente*) contratou a empresa consultora *NATRONTEC/ENTRIX* para a realização do diagnóstico arqueológico da área a ser impactada, coordenado pelos pesquisadores Nanci Vieira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (*UERJ*) e Pedro Paulo Funari da Universidade de Campinas (*UNICAMP*), originando assim o relatório "Levantamento Arqueológico Preliminar - Gasoduto San Matias-Cuiabá" (FUNARI & OLIVEIRA, 1998).

Os trabalhos técnico-científicos em campo, realizados no final de 1998, por ocasião da elaboração daquele diagnóstico, fixaram-se nas margens dos seis rios principais - Cuiabá, Sangradouro, Bravo, Paraguai, Padre Inácio e Jauru - a serem seccionados pelo traçado do gasoduto. Os resultados obtidos permitiram estabelecer, aproximadamente, o potencial arqueológico das áreas impactadas, revelando, inclusive, a existência de dois sítios arqueológicos, localizados um na margem direita do rio Jauru e outro na margem esquerda do Cuiabá, que serão diretamente afetados pelo empreendimento.

Após a constatação do potencial arqueológico e da previsibilidade de impactos negativos sobre o patrimônio arqueológico e, em atendimento à legislação em vigor, a empresa (*Gasocidente*) contratou a FAPEC – Fundação de Apoio à Pesquisa, Ensino e Cultura, sediada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que já havia participado dos trabalhos de salvamento arqueológico na área do Gasoduto Bolívia-Brasil, em Mato Grosso do Sul, para a elaboração e execução de um projeto de mitigação dos efeitos da construção do gasoduto sobre o patrimônio arqueológico no Mato Grosso. A FAPEC, por sua vez, estabeleceu como executante dos estudos o Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Departamento de História do Centro Universitário de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (*LPA/DHI/CEUA/UFMS*).

Assim, originou-se o "Projeto Salvamento Arqueológico na Área

Impactada pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso (trecho brasileiro)” – *PSAGBM* - sob a coordenação do arqueólogo Dr. Gilson Rodolfo Martins, devidamente aprovado e autorizado pela Diretora do Departamento de Proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (*IPHAN*), Marcia Sant’Anna, por meio da Portaria nº 11 de 04 de março de 1999 e publicada no Diário Oficial da União em 05 de março de 1999.

### COMPARTIMENTOS PAISAGÍSTICOS

No *PSAGBM* foi previsto um estudo bibliográfico sobre as paisagens a serem percorridas pelo traçado do gasoduto, como forma de distinguir os cenários ambientais que teriam sido o suporte para o desenvolvimento cultural dos grupos humanos pretéritos. O *PBA*, devido às exigências legais, aprofundou as diversas temáticas que constituem o quadro natural da área tangida pelo projeto de tal forma que o resultado final constitui-se num expressivo banco de dados à disposição para aplicação em outros estudos.

A análise desses dados permitiu a definição de compartimentos ambientais distintos entre si e que foram adotados como critérios para o planejamento dos trabalhos de levantamento arqueológico. Dessa forma, ficaram estabelecidas as seguintes subunidades paisagísticas:

- 1- Trecho entre a fronteira com a Bolívia e o interflúvio anterior à margem direita do riacho São Sebastião;
- 2- Trecho entre as margens do riacho São Sebastião e as margens do Jauru, Distrito de Porto Limão;
- 3- Trecho entre o Distrito de Porto Limão e o início do pantanal do rio Padre Inácio;
- 4- Trecho entre o pantanal do rio Padre Inácio e os pantanais das duas margens do rio Paraguai;
- 5- Trecho entre a borda esquerda do pantanal do rio Paraguai e a base ocidental da serra de Piraputanga;
- 6- Trecho da Província Serrana em Cáceres;
- 7- Vale do rio Sangradouro;
- 8- Planalto cuiabano.

## ARQUEOLOGIA, ETNO-HISTÓRIA E ETNOGRAFIA

Conforme o estabelecido no *PSAGBM*, preliminarmente, foi feito o levantamento bibliográfico referente ao conhecimento arqueológico, etno-arqueológico, histórico e etnográfico acumulado sobre a região, com o objetivo de construir um panorama geral das diferentes configurações culturais que se estabeleceram, no passado, na área estudada.

Sobre a realidade histórica colonial foi arrolada significativa bibliografia referente ao fenômeno bandeirante, no século XVIII, tratando especificamente do “Ciclo das Monções” e da economia mineradora da região de Cuiabá, destacando-se as obras “Monções” (HOLANDA, 1945), “Extremo-Oeste” (HOLANDA, 1976), a monumental “História Geral das Bandeiras Paulista” (TAUNAY, 1946), como também, a “História de Mato Grosso” (CORREA FILHO, 1969).

Tanto na região em torno de Cuiabá/Várzea Grande, como de Cáceres, são abundantes os vestígios materiais relativos ao período colonial que se apresentam sob a forma de ruínas de casas, igrejas, garimpos, etc. tipificando o modelo arquitetônico e econômico mercantilista ali implantado. A possível ocorrência de sítios arqueológicos históricos, na faixa do gasoduto, dada a dimensão da obra, fazia parte das expectativas iniciais do *PSAGBM*.

O conhecimento das características da implantação colonial no sudoeste do Mato Grosso e os aspectos mais relevantes de sua cultura material foram de fundamental importância para direcionar os trabalhos de levantamento arqueológico no âmbito do *PSAGBM*, pois permitiram identificar e compreender o significado científico de ruínas de construções localizadas no percurso do gasoduto, bem como contribuíram para a seleção do procedimento preservacionista a ser adotado.

No que diz respeito ao século XIX, em termos históricos, sabe-se que houve um acentuado refluxo das atividades econômicas e sociais, após a crise do chamado “Ciclo da Mineração em Mato Grosso”. Esse momento é caracterizado por um expressivo êxodo demográfico e abandono progressivo dos equipamentos produtivos que marcaram a economia regional no século anterior. A pecuária e uma agricultura de subsistência se impuseram como atividades econômicas preponderantes, provocando, em consequência, o esvaziamento do modelo de assentamento urbano/minerador. Porém, nas últimas décadas do século XIX, após a Guerra do Paraguai, a atividade comercial ressurgiu no eixo da hidrovia do rio Paraguai, fomentando um surto passageiro de progresso econômico na região de Cáceres e Corumbá, esta no Mato Grosso do Sul, que redundou na constituição de um expressivo e típico patrimônio arquitetônico.

Sobre a conjuntura histórica, na ótica do patrimônio arquitetônico, o “Álbum Gráfico do Estado de Matto Grosso”<sup>3</sup> transformou-se, devido à qualidade do conteúdo de seu texto e acabamento fotográfico, num clássico para a pesquisa. Nesse trabalho são encontradas preciosas ilustrações fotográficas de cenas do cotidiano e da arquitetura da região do Alto Paraguai na passagem do século XIX para o XX, norteando assim os procedimentos para a definição de critérios para identificar os monumentos e como devem ser preservados.

O “Álbum Gráfico do Estado de Matto Grosso”, publicado em 1914, além de sua importância como fonte de consulta histórica, também é muito ilustrativo para a reconstituição de um panorama da geografia humana nativa no século XIX. Nessa obra, o texto de J. Caldas descreve, de forma transparente, alguns dos contextos indígenas remanescentes na região do Alto Paraguai.

Em termos de Etno-História do começo deste século, os relatos escritos e fotográficos da Comissão Rondon (RONDON, 1949) iluminam diversos aspectos etnográficos da cultura material dos índios bororo ocidentais, umotina, nhambiquara e outros.

Ainda sobre populações indígenas pantaneiras, os estudos etnográficos sobre os índios guató, realizados no começo deste século (SCHIMIDT, 1942), são inestimáveis, pois fornecem diversos dados sobre o modo de assentamento desses índios e detalhes de muitos fragmentos de sua cultura material, tais como, a cerâmica, habitações, etc., que são de grande utilidade para o reconhecimento e identificação de vestígios etno-arqueológicos na região pantaneira seccionada pelo gasoduto.

Sabendo-se, de antemão, que a extensão do território tradicional dos índios bororo ocidentais incluía áreas pertencentes ao município de Cáceres e adjacências, foi positivo elencar, de forma amplificada, os itens de sua cultura material na medida em que esta é uma ferramenta útil na abordagem etno-arqueológica dos locais impactados pelo gasoduto. Neste particular, sobressaem os estudos realizados por missionários salesianos que, como os padres ALBISETTI E VENTURELLI (1962), atuaram nas proximidades, na primeira metade deste século. Assim, é indispensável a consulta à “Enciclopédia Bororo”, um clássico da etnografia brasileira, na medida em que retrata, de forma exaustiva, os componentes da cultura material tradicional dessa nação indígena. Para efeito de ampliar o levantamento dos dados, com vistas a sua aplicação no *PSAGBM*, realizou-se uma visita criteriosa à coleção etnográfica existente no Museu Dom Bosco, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde está depositado o acervo mais completo de objetos e artefatos dos índios bororo.

No século XIX, diversas expedições geográficas e/ou naturalistas percorreram a região do Alto Paraguai e produziram interessantes relatos sobre

seu panorama étnico. Dentre essas sobressaem a realizada pelo Barão de Langsdorf (KOMISSAROV, 1984) e a realizada por Hércules Florence, anteriormente, na primeira metade desse século (FLORENCE, 1941). Nesses trabalhos destacam-se, para a observação etno-arqueológica, as preciosas imagens de situações indígenas elaboradas em artísticas iconografias.

No governo de D. Pedro II, foram criadas as "Diretorias Gerais de Índios" (JARDIM, 1886) em várias províncias do Império, as quais elaboraram relatos anuais do quadro demográfico e locacional das respectivas populações indígenas. Informações valiosas podem aí ser encontradas para efeito de se elaborar um mapeamento das povoações nativas, nessa época.

MEIRELES (1989) elaborou um interessante estudo sobre o papel das populações indígenas fronteiriças, na segunda metade do século XVIII, para definição e defesa das fronteiras coloniais mato-grossenses com a colônia castelhana. Nessa obra, a autora localiza os grupos de índios remanescentes das Missões de Moxo e Chiquitos, fundadas, no século anterior, na porção ocidental da Bacia do Alto Paraguai, hoje território boliviano.

Como já foi afirmado acima, neste relatório, as fontes históricas referentes ao fenômeno bandeirante, no século XVIII, são permeadas de citações sobre o mosaico de tribos indígenas habitantes do percurso dos comboios fluviais, no "Ciclo das Monções". As descrições da crônica histórica do período, sobre a distribuição de distintas tribos no roteiro fluvial entre São Paulo e Cuiabá auxilia, em muito, a elaboração de um mapa etno-histórico desse período em Mato Grosso.

Anteriormente ao século XVIII, as informações etno-históricas são rarefeitas devido ao fato de que a inserção da região abrangida pelo gasoduto na realidade colonial é quase nula. Alguns dados estão disponíveis no material bibliográfico referente às Missões de Moxos e Chiquitos, no século XVII, cuja relação com o contexto aqui abordado é apenas tangencial. Quanto ao século XVI, praticamente não há fontes escritas, porém, é possível tirar algumas inferências indiretas dos relatos realizados pelos conquistadores espanhóis da Bacia Platina, mormente de CABEZA-DE-VACA (1984).

Sobre o período pré-colonial, as explicações apresentadas pela Arqueologia não são fartas. As pesquisas arqueológicas no Mato Grosso tiveram início há menos de duas décadas, além disso, são pontuais e realizadas por um grupo muito restrito de pesquisadores. No Estado, não existe, até o momento, nenhuma instituição científica voltada para a pesquisa arqueológica, como também não há nenhuma equipe permanente organizada. Os trabalhos, até agora realizados, estão limitados à ação de estudiosos provenientes de outros Estados que comparecem ao Mato Grosso com intervalos de tempo, no mínimo, anuais.

Entre esses podemos citar, a título de exemplo, o caso da Missão Franco-Brasileira dirigida pelos VIALOU (1997) que desenvolve pesquisas em alguns sítios arqueológicos dos municípios de Rondonópolis e um (Santa Elina) em Jangada. WÜST (1990) realizou estudos etno-arqueológicos visando compreender a problemática Bororo, focalizando, prioritariamente, a região do baixo e médio curso do rio Vermelho; portanto ao sul da zona influenciada pelo gasoduto, mas que apresenta perspectivas para comparações com o material obtido no *PSAGBM*.

Atualmente, Maria Clara Migliaccio (com. pes.) está desenvolvendo uma dissertação de mestrado sobre a Arqueologia de grupos ceramistas que ocuparam a região de Cáceres e que será, quando concluída, uma obra de referência obrigatória para a discussão da problemática arqueológica da porção setentrional do Pantanal.

Subsídios indiretos para a elaboração de um modelo arqueológico para região pantaneira podem ser obtidos com a consulta à produção arqueológica sobre o Pantanal sul-mato-grossense. O Projeto Pantanal (SCHIMTZ, 1998), coordenado por P.I. Schmitz, durante os últimos dez anos, pesquisou a Arqueologia do ambiente pantaneiro nas redondezas de Corumbá, fornecendo assim o primeiro modelo explicativo sobre a ocupação humana pré-colonial nessa paisagem. OLIVEIRA (1996) concluiu uma dissertação de mestrado que abordou a cultura material dos índios guatú sob a ótica da etno-arqueologia.

Fora os estudos citados sobre a Arqueologia de Mato Grosso, existem apenas mais alguns registros isolados de sítios arqueológicos que não foram objeto, até o momento, de estudos sistemáticos. Entre esses pode-se citar, como exemplo, os sítios com pinturas rupestres na Chapada dos Guimarães.

Dessa forma, a produção de um conhecimento arqueológico sobre o território abrangido pelo *PSAGBM*, necessariamente terá que partir do conjunto de dados empíricos a serem coletados com o desenvolvimento das etapas de campo previstas no projeto. Somente após as conclusões dos trabalhos de campo e análises laboratoriais dos dados é que será possível a elaboração de hipóteses que nortearão novas investigações.

No tocante à presença de índios vivendo, no momento, nas áreas interceptadas pelo gasoduto, esta é quase inexistente. Segundo dados da Fundação Nacional do Índio (*FUNAI*), o território indígena legalmente reconhecido, mais próximo do gasoduto é a Terra Indígena Umotina, localizada a mais de 80 km ao norte do gasoduto, no município de Barra dos Bugres. No entanto, por ocasião da elaboração do Projeto Básico Ambiental (*PBA*), para efeito de licenciamento da obra, em 1998, a equipe, constituída para realizar os estudos referentes à presença de comunidades indígenas, identificou, na região de

Cáceres e próxima à fronteira com a Bolívia, a existência de diversas comunidades de índios chiquitos, ou seja, “*um povo de origem multi-étnica que passou a ser conhecido por este nome a partir do século XVII, quando foi aldeado por jesuítas em inúmeras missões naquele país*”(PBA: 1998, item A. 2.1).

No total, o PBA identificou em torno de dez comunidades chiquitanas num raio de, aproximadamente, cinquenta quilômetros do gasoduto, perfazendo cerca de 600 pessoas que sobrevivem trabalhando em roças familiares, como empregados temporários de fazendas ou ainda, em menor número, como assalariados urbanos.

Por não contarem com o reconhecimento oficial da FUNAI como habitantes do território mato-grossense e por estarem dispersos em várias pequenas comunidades de poucas famílias cada, não constituindo aldeias, os índios chiquitanos aparecem aos olhos da população brasileira regional como “bugres bolivianos”. Esse preconceito camufla, inclusive, a ocorrência, na região do município de Cáceres, de famílias isoladas de índios bororo-ocidentais que se diluem na população da periferia da cidade ou em fazendas das proximidades. Segundo o PBA, até a década de trinta, neste século, havia várias aldeias de índios bororo na área do município.

Devido à natureza dos assentamentos chiquitanos na área interceptada pelo gasoduto, segundo o PBA, o impacto da obra sobre eles será pequeno, sendo que a empresa (*Gasocidente*) já providenciou os encaminhamentos necessários à sua mitigação.

## LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA IMPACTADA PELO GASODUTO

Após a sub-regionalização do traçado, utilizando-se de material cartográfico, foram selecionados os pontos preferenciais para a prospecção e sondagem arqueológica, com base no referencial de variáveis ambientais favoráveis à ocorrência de sítios arqueológicos (KASHIMOTO, 1997). Conforme o cronograma inicial previsto para os trabalhos de construção, o trecho 6 (seras) foi o primeiro a ser objeto de levantamento arqueológico sistemático. De posse da listagem de locais favoráveis, os mesmos foram visitados pela equipe técnica-científica composta por dois arqueólogos, um topógrafo designado pela empresa que elaborou o projeto do percurso do gasoduto e um grupo de trabalhadores auxiliares. Os procedimentos consistiram em entrevistas com moradores, vistorias de superfície na “faixa de serviço” e proximidades, sondagens no solo e no interior da “faixa de serviço” e, principalmente, onde será aberta a

vala, em alinhamentos de furos de sondagem espaçados a cada 5 m.

Ao todo foram prospectados 105 pontos, resultando na localização de 14 sítios arqueológicos na área direta e indiretamente impactada pelo empreendimento. Na maior parte das ocorrências foi efetuado o desvio do traçado do gasoduto. Quando não foi possível o desvio, por razões técnicas, procedeu-se o resgate arqueológico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Código do LVD	Amostra de cerâmica	Sítio	coordenadas UTM	Profundidade (cm)	anos antes do presente
206	JR-amostra 2	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	superfície	965 ± 100
226	JR-amostra 22	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	00-10	830 ± 90
221	JR-amostra 17	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	00-10	990 ± 100
213	JR-amostra 9	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	10-20	820 ± 90
214	JR-amostra 10	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	10-20	890 ± 90
210	JR-amostra 6	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	10-20	940 ± 100
216	JR-amostra 12	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	10-20	945 ± 110
227	JR-amostra 23	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	810 ± 85
208	JR-amostra 4	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	950 ± 100
220	JR-amostra 16	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	995 ± 100
225	JR-amostra 21	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	1030 ± 100
212	JR-amostra 8	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	1140 ± 110
223	JR-amostra 19	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	20-30	1350 ± 140
207	JR-amostra 3	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	30-40	1000 ± 110
215	JR-amostra 11	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	30-40	1035 ± 100
218	JR-amostra 14	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	30-40	1500 ± 150
222	JR-amostra 18	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	30-40	1520 ± 160
211	JR-amostra 7	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	40-50	1300 ± 125
224	JR-amostra 20	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	40-50	1340 ± 140
219	JR-amostra 15	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	40-50	1350 ± 130
217	JR-amostra 13	Rio Jauru	E 390667 S 8213700	40-50	1400 ± 150

Atualmente está sendo desenvolvido o acompanhamento da abertura da faixa de serviço e da vala do gasoduto.

Paralelamente aos trabalhos de campo, tiveram início, no LPA/DHI/CEUA/UFMS, as atividades de registro e curadoria das peças coletadas durante os trabalhos de levantamento e também o processamento de datações de amostras coletadas nos trabalhos de resgate, no Laboratório de Vidros e

Datações da Faculdade de Tecnologia de São Paulo/UNESP (LVD). Entre os resultados preliminares destaca-se a amostra de cerâmica n. 209, proveniente do sítio Rio Jauru, coletada entre 70 e 80 cm de profundidade, que obteve o índice de  $2300 \pm 300$  anos A.P. Na tabela, a seguir, apresenta-se um panorama das datações obtidas até o momento.

<sup>1</sup> Coordenador do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Depto. de História do Centro Universitário de Aquidauana/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Museu Dom Bosco/Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS.

<sup>3</sup> *ALBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO GROSSO*. Corumbá/Hamburgo: S. Cardoso Ayala; F. Simon, 1914

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBUM GRAPHICO DO ESTADO DE MATTO GROSSO**. Corumbá/Hamburgo: S. Cardoso Ayala, F. Simon, 1914.
- ALBISETI, C. E., VENTURELLI, A. J. **Enciclopédia Bororo**. Campo Grande: Museu Dom Bosco, 1962. 3v.
- CABEZA de VACA, A. N. **Naufrações y Comentários**. Madri: Raycar, 1984. 2ª ed.
- CORREA FILHO, V. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: MEC, 1969.
- FLORENCE, H. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas**. São Paulo: Melhoramentos, 1941.
- FUNARI, P. P. & OLIVEIRA, N. V. **Levantamento Arqueológico Preliminar – Gasoduto San Matias-Cuiabá**. Natrontec/Entrix, 1998. (datilografado)
- HOLANDA, S. B. **Monções**. Rio de Janeiro: CEB, 1945.
- \_\_\_\_\_. **Extremo Oeste**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.
- JARDIM, R. J. G. Criação da Diretoria dos Índios na Província de Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, n. 9. p. 548-554, 1886.
- KASHIMOTO, E. M. **Variáveis Ambientais e Arqueologia no Alto Paraná**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – FFLCH/USP, 1997.
- KOMISSAROV, B. **Expedição Langsdorf: Acervo e Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1984.
- MARTINS, G. R. Avaliação de impactos arqueológicos de empreendimentos regionais e medidas mitigadoras aplicáveis. In: **SIMPÓSIO POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE E PATRIMÔNIO CULTURAL**, 1º, 1996, Goiânia. **Atas...** Goiânia:

- Universidade Católica de Goiás/Instituto Goiânio de Pré-História e Antropologia, 1997.
- MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. Arqueologia na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Brasil: trecho Terenos-Três Lagoas/MS. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** (USP), n. 8, p. 87-107, 1998.
- MEIRELES, D. M. **Guardiães da Fronteira: Rio Guaporé, sec. XVIII**. Petrópolis : Ed. Vozes, 1989.
- MENDES, N. F. **Memória Cacerense**. Cáceres : Carlini & Caniato, 1998.
- RONDON, C. M. da S. **Relatório dos trabalhos de 1900-1906**. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1949. (Publicação n. 69-70)
- OLIVEIRA, J. E. **Guató – Argonautas do Pantanal**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1996.
- SCHMIDT, M. **Estudos de Etnologia Brasileira**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1942.
- SCHIMTZ, P. I. Arqueologia em Mato Grosso do Sul: Dois projetos, dois resultados. **Fronteiras - Revista de História** (UFMS/Dourados), vol. 2, n. 4, p. 203-222, 1998.
- TAUNAY, A. D'E. **História Geral das Bandeiras Paulistas**. São Paulo : Cia. Ed. Melhoramentos, 1946.
- VIALOU, D. et al. **L'Homme Fossile et ses paléoenvironnements dans le Basin du Paraná-Brésil** (relatório não publicado), São Paulo, 1997.
- WÜST, I. **Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na Bacia do rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado – FFLCH/USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. Contribuições arqueológicas, etno-arqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** (USP), n. 2, p. 13-26, 1992.